

da televisão à internet: limites e possibilidades educacionais da mídia

JOADIR FORESTI¹

RESUMO

O texto a seguir oferece algumas pistas para aprofundar a relação, os desafios e a interação entre a educação e as mídias. Da frequência diante da televisão até o uso de internet, há posturas comuns que não podem passar despercebidas pelos profissionais da educação. Não se trata de uma argumentação apenas conceitual, mas de uma visão sobre as possibilidades para pensar de forma relacional e agir com o olhar no futuro de crianças e jovens que estão envolvidos nesses meios que a sociedade aceita como agentes de cultura.

ABSTRACT

The text follow offers some tracks to deepen the relation, the challenges and the interaction between the education and the mass media. Of the frequency ahead of the television until the internet use it has common positions that they cannot pass unobserved for the professionals of the education. It is not just a conceptual argument, but about a vision on the possibilities to think of relational form and to act with the looking in the future of children and young that are involved in these ways that accepted society as culture agents.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação. Mídia. Televisão. Internet. Mídia-educação. Educomunicação.

KEYWORDS:

Education. Media. Television. Internet. Media-education. Educommunication.

INTRODUÇÃO

A MÍDIA FAZ PARTE DA VIDA

É notório o avanço tecnológico sinalizado nas últimas décadas. O mundo pós-moderno apresenta alternativas tecnológicas para quase tudo. A tecnologia permite elaborar estratégias antes impensáveis. É difícil encontrar um lar sem televisão, sem rádio, bem como é difícil encontrar uma criança em ambientes economicamente privilegiados – inclusive em escolas – sem aparelho celular ou sem computador. Hoje, querer esquivar-se do uso e das discussões sobre o uso das tecnologias seria o mesmo que dizer que se está vivendo em uma antiga geração. Querer discutir assuntos sem considerar que eles estão sendo influenciados pela tecnologia é, no mínimo, achar que há poucos pontos de referência para construir o pensamento.

Nas conversas formais e informais do cotidiano, costumam aparecer comentários a respeito do uso de equipamentos que comportam tecnologia. Ao abordar assuntos dessa linha, é necessário lembrar que não se está tratando apenas dos recursos eletrônicos que o equipamento traz, mas, principalmente de toda e qualquer ação que envolva arte e técnica para atingir um objetivo. Nesse sentido, os equipamentos, ou mídias que se destacam no dia a dia são as pontas de iceberg. A tecnologia está junto ao meio, é parte do modo de pensar, está presente nas concepções e preconceitos que fazem as pessoas optarem por uma coisa e rejeitarem outra. Entende-se que a tecnologia não é só um recurso, mas a forma como os recursos são aprendidos e utilizados. O uso da internet em seus diversos recursos que as redes sociais oferecem, em aplicações corriqueiras e formais que o e-mail oferece e em sistemas de busca nas bibliotecas eletrônicas são alguns exemplos de como a tecnologia está integrada ao que é conceituado como sendo parte do cotidiano.

Sendo assim, “essa é a noção mais ampla de tecnologia que deve estar em nossa mente: vai muito além dos equipamentos que captam conversas ou imagens. (...) Quando falamos em ambientes tecnológicos, estamos falando, na verdade, de um organismo social impregnado

¹ Doutor em Comunicação e Cultura pela PUC-RS. Pesquisa sobre as interações decorrentes do espaço de Educação e Comunicação com uso de tecnologias. Atualmente é Professor do curso de comunicação Social da UCB-DF. joadirforesti@gmail.com



por ela em cada mínimo detalhe. Estamos falando de uma massa de tecnologia capaz de se manifestar de forma que vai muito mais além do que o armazenamento de vozes, dados e imagens – tecnologia é algo muito mais amplo, lembrem-se.” (ROSA, 2006, p. 75-76).

Isso não significa dizer que todas as pessoas tenham que fazer uso da tecnologia, mas sim, de que a tecnologia está presente no cotidiano das pessoas, por todos os lados, e não há como evitá-la. Ela interfere, de algum modo, no comportamento, seja das crianças ou dos adultos. É possível afirmar que, mesmo não sendo portadoras de nenhum recurso eletrônico, as pessoas são envoltas pelo mundo “tecnologizado”. Lê-se um jornal, este foi produzido por uma tecnologia muito mais atual do que aquela de 30 anos atrás; cruza-se uma rua, o semáforo é interligado com um sistema computadorizado; compra-se um produto, este foi produzido por uma tecnologia mais moderna para não ficar mais caro. Ou seja, o contexto expõe as tecnologias que a humanidade foi conquistando. Há experiências internacionais de utilização das tecnologias para articular uma cidade (Amsterdã – Holanda), no sentido de torná-la mais ágil, menos burocrática e mais ecológica (CASLTELIS, 2003, p.120-8). Porém, a tecnologia em si não resolve e nem elimina problemas, ela está imbricada no modo de ver das pessoas que a utilizam.

Ao falar da mídia que está nos lares, tal como jornal, revistas, rádio, celular, internet, televisão etc. é necessário

lembrar que esta última, durante muito tempo, foi a vilã da formação das crianças. Hoje, a televisão divide o espaço com a internet. A internet já recebe mais investimentos financeiros em publicidade do que a televisão e a mídia externa². Vale lembrar que os investimentos financeiros são indicadores de onde andam os leitores ou os espectadores, pois há pesquisas para identificar os públicos. Ainda há o fator econômico que permite a compra de computadores e acelera o acesso à internet.

Em estudos da década de 1980 e 1990³ sobre televisão e os impactos que ela exercia sobre a educação das crianças e jovens, a simpatia pelos programas televisivos era questionada. As bibliografias, na sua maioria, criticavam a exposição das crianças à televisão, aos comerciais e à falta de intervenção da família. Hoje, a sociedade está dividindo o foco crítico e dirigindo seus comentários e análises não só à televisão, como a vilã da educação das crianças. Há uma concepção de que não é só a televisão que interfere na mente das crianças. Como foi assinalado acima, o contexto das tecnologias ultrapassa uma ou outra mídia, pois a educação é a sistematização cultural perpassada pela tecnologia. Então, o foco da preocupação da mídia e da educação não está apenas no instrumento final, ou seja, nos resultados da ação da mídia

2 Disponível em <<http://www.coletiva.net/impresaoConteudo.php?ID=25901&Tipo=N>> Acesso em: nov. 2008.

3 Trabalho de conclusão de Graduação e Dissertação de Mestrado do autor.

e dos sistemas de educação formal, mas sim na interface que se estabelece entre os sujeitos, a cultura em que vive e as interferências tecnológicas. Por isso, fica difícil eleger um recurso tecnológico sem citar os outros e também não é aconselhável fazê-lo. A questão é que o comportamento humano interage com esses meios e, por isso, é necessário estudá-los no contexto.

“a tecnologia está junto ao meio. é parte do modo de pensar. está presente nas concepções e preconceitos que fazem as pessoas optarem por uma coisa e rejeitarem outra.”

Durante os anos de 1980 e de 1990, havia uma grande ênfase nas pesquisas sobre as relações entre educação e televisão. A preocupação parecia maior do que a dos dias atuais. A literatura apresentava uma análise crítica sobre a mídia. O temor de uma contracultura, de uma desagregação familiar ou de uma deseducação era constante. Um dos estudos norte-americanos sobre o tema versa sobre “a criança e a máquina”, procurando refletir sobre “como os computadores colocam a educação de nossos filhos em risco.” Durante o relato Alison Armstrong e Charles Casement (2000) procuram descrever a chegada da tecnologia na escola e nos lares. Para eles, a introdução das tecnologias, em especial a do computador, significou mais um ato político do que educacional para as escolas, pois o simples fato de serem introduzidos os computadores nas escolas não significa que eles estejam integrados aos sistemas de aprendizagem. “Enquanto a tecnologia for vista como redentora da escola no país, ela continuará a nos deslumbrar com respostas fáceis para questões complexas” (ARMSTRONG, 2001, p. 209). A crítica está centrada no fato de achar que a tecnologia, por mais fascinante que seja, detenha o poder da aprendizagem. Segundo os autores, esse papel da aprendizagem está centrado numa maior presença dos pais e educadores junto às crianças e que a tarefa de educação não pode ser delegada aos recursos tecnológicos.

Entre 1996 e 1997, a Unesco⁴ realizou pesquisa em 23 países, dentre eles o Brasil, sobre a influência da

violência disseminada pelos meios de comunicação sobre as crianças. Embora o espaço não permita aprofundar a pesquisa, ela aponta que 93% das crianças têm acesso a televisão e passam em média três horas diante dela. “Nas áreas altamente violentas, 16% das crianças relatam que a maior parte das pessoas que vivem em sua vizinhança morre assassinada. Nesses casos, 7,5% das crianças já usaram, elas mesmas, uma arma de fogo contra alguém” (GROEBEL, 1996, p.10). Entre as conclusões, é apontada a ideia de que a televisão é utilizada como elemento de compensação diante das realidades vividas pelas crianças.

José Marques de Melo (2004), autor conhecido por contextualizar a comunicação em nível não só brasileiro, mas a partir de visões amplas vindas de culturas que se depararam com as mídias antes do Brasil, tem um parecer original e claro referente à discussão que envolve educação e mídia. Ele verificou que os americanos estão tomando atitudes regradas por padrões culturais nas quais a educação e a mídia têm papel relevante. Isso, depois de anos de convivências com diferentes concepções sobre o uso das mídias.

Na própria escola, os futuros cidadãos são induzidos a assumir atitude crítica, participando de processo de ‘alfabetização midiática’, da mesma forma que vivenciam experiências de ‘alfabetização científica’ ou de ‘alfabetização artística’. Ao invés de demonizar a mídia, os educadores norte-americanos geralmente a tornam como um dado inerente à realidade que as crianças vão encontrar na vida adulta (MELO, 2004, p. 24).

Melo (2004) procura reforçar a ideia de que as crianças já estão sendo preparadas para conviver com as realidades midiáticas. E em nível de contexto brasileiro, as reações frente às mídias precisam ser pensadas juntamente com a construção da identidade cultural brasileira, que passa por influências internacionais desde o seu descobrimento. As raízes culturais brasileiras foram construídas pela cultura africana e europeia, entre outras, e criaram uma matriz original tanto na criação de seus programas de entretenimento (as novelas, por exemplo), quanto na elaboração de seus documentários, softwares e sites na Internet.

Entre as vozes que procuram trabalhar a conscientização de educandos quanto aos recursos utilizados pelas mídias para a transmissão de fatos e acontecimentos, Maria Aparecida Baccega (1997) se colocou ao lado de outros autores para elaborar manuais de leitura crítica da mídia. Para Baccega (1997, p. 50), “não podemos absolutizar o papel dos meios de comunicação social; não podemos considerá-los os únicos responsáveis pela dinâmica da sociedade. Isso seria diminuir muito a capacidade do ser humano.” Para ela, a verdade é um bem que implica conhecimento e uma visão de que a descoberta da verdade é coberta por uma multiplicidade de pontos de vista e esse é o papel de todo cidadão, especialmente

⁴ Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001315/131502por.pdf> > Acesso em: 27 ago. 2009.

para aquele que trabalha com educação. Hoje percebe-se que as verdades, procurando convencer e influenciar as crianças e os estudantes, chegam por todos os lados, não são exclusividade das mídias, inclusive, partem de dentro da escola.

Por isso, para realizar uma transformação conceitual e cultural com base nas relações de mídia e de educação, é necessário partir de alguns princípios. Inicialmente, não é possível eleger um vilão nessa história. Não é apenas uma parte sem relação com as outras que vai estabelecer comportamentos. É um conjunto de ações mediadas pela tecnologia ou não que resultarão em interrogações e confrontos com diferentes realidades. Em graus e em tempos diferentes, as pessoas interagem permanentemente em busca de respostas para as inquietações que o contato com a realidade refletida pelos meios de comunicação lhes põe diante dos olhos.

Por isso, em segundo lugar, há de se admitir que essa história é dinâmica. As crianças que chegavam à escola há quatro anos, já não têm as mesmas sensibilidades, se comparadas às crianças que chegam à escola hoje. A tecnologia trabalha nelas, e elas trabalham com a tecnologia de uma forma mais natural. Por fim, a família e/ou escola que deseja ajudar as crianças, precisa aprender e se envolver de tal modo que o aprendizado seja recíproco. A escola e a família também precisam aprender.

Nesse sentido, há de se falar de uma dinâmica dialética complexa: entender que a parte está no todo e o todo está presente na parte. Se, por analogia, for tomada uma criança na escola e o grupo de alunos, será possível perceber a permanente interligação entre as partes, e não um isolamento (MORIN E KERN, 1995, p. 159-170). Em um plano mais amplo, se a tecnologia traz algo inovador para a sociedade, a escola deveria ser a primeira a tomar essa descoberta e trabalhar com os seus estudantes. Não significa que a escola tenha que mudar os seus princípios educacionais, mas sim, encontrar formas para não se distanciar da realidade das crianças e jovens. Nesse caso, um aprofundamento sobre o uso das tecnologias ligadas à educação daria à escola condições para perceber que a tecnologia está diretamente ligada à metodologia. Toda escola estabelece metodologias e essas metodologias podem ser abertas de tal forma que contemplem uma sensibilidade trazida pelos alunos. Se os estudantes, de modo geral, passam horas diante da televisão, por que não partir dos sentimentos, impressões e conhecimento e depurá-los de forma criativa e técnica? O mesmo pode ser dito do uso da Internet. Como a escola orienta a utilização da Internet? E ainda, perguntar: qual escola já explorou o potencial dos SMS (torpedos) dos celulares?

Por outro lado, ao observar o uso da televisão, da Internet e das outras mídias – como sendo partes de um contexto educacional –, deve-se pensar nas possibilidades que elas trazem. A mídia se torna um meio, um caminho

para conhecer melhor os processos educacionais, interferir neles e colaborar com o processo de aprendizagem.

Um dos marcos da crítica à televisão foi plantado nos EUA por McLuhan (1911-1980). O professor universitário e escritor viveu em meio às mudanças comportamentais dos jovens americanos e isso o fez escrever e criticar as tecnologias de seu tempo, como forma de entender o que se passava. O artigo mais célebre afirma que o “meio é a mensagem”. Uma forma de dizer que a mensagem, ou seja, o conteúdo tratado nas academias está presente na forma como ele é transmitido. Hoje, ao se analisar novamente as mídias, é possível afirmar, com certeza, que o meio é também a mensagem. Uma visão complexa ajuda a perceber que os meios, as mídias, devem ser criticados, estudados e utilizados sob um olhar do contexto, da cultura e da história. Por outro lado, visões com afirmações

“hoje percebe-se que as verdades, procurando convencer e influenciar as crianças e os estudantes, chegam por todos os lados, não são exclusividade das mídias, inclusive, partem de dentro da escola.”

duras, sem um envolvimento concreto entre os diferentes públicos, impedem a compreensão do sentido que trazem para o desenvolvimento social. Limitações essas percebidas em reflexões que apenas se preocupam em apontar causas e consequências, sem analisar o contexto e suas interações.

Partindo desses marcos teóricos, faz-se necessário gerar um debate em busca de algumas alternativas para a educação e a mídia. Faz-se necessário priorizar o fato de que cada educador, seja ele professor ou não, observe o mundo como se ele fosse seu espelho. Pois o mundo descrito pela educação formal e informal não é apenas aquilo que um diretor, um professor, um pai, uma novela, uma comunidade do Orkut, etc. dizem que ele é, e sim o reflexo feito pelo todo, a partir da percepção das partes.

O mundo será também aquilo que a mídia reflete dele e suas interpretações. Olhar o mundo pelos olhos da mídia se torna uma forma de ajudar o mundo a se ver e se transformar.

O caminho mais próximo da reflexão é aquele de um pensamento abrangente e não daquele que prega a separação. Evita-se um distanciamento estático entre o que as pessoas fazem e vivem em um determinado local em relação ao restante do mundo. As pessoas estão vivendo num mesmo mundo, com preocupações comuns e em permanente transformação. Há uma relação de reciprocidade. As pessoas estão no mundo e o mundo está presente nas pessoas. O rompimento dessas barreiras permite superar posições plantadas pela visão positivista que incute a separação entre processo e resultado ou o dualismo presente na educação que reforça apenas o certo ou o errado. ■

PONTOS PARA DISCUSSÃO

Embora não haja espaço para aprofundar todos os temas emergentes dessa discussão, vale registrar algumas questões que podem ser estudadas em outras oportunidades. A saber: é possível criar um canal de televisão educativo? É possível tornar uma emissora de rádio educativa? É importante termos um veículo impresso que seja exclusivamente educativo? E o que dizer da Internet? Os educadores deveriam se preocupar em ter um portal educativo?

“em um plano mais amplo, se a tecnologia traz algo inovador para a sociedade, a escola deveria ser a primeira a tomar essa descoberta e trabalhar com os seus estudantes.”

E, para salientar o aspecto individual e coletivo, será necessário questionar: por que acreditar que a comunicação envolvida com a educação pode colaborar com as escolas e com as famílias no processo de emancipação da sociedade, especialmente dos jovens?

Pontos de partida.

Se existem recursos para aprender mais rápido e melhor, para ter mais tempo para o lazer e para a convivência, é porque as gerações buscam novas formas

ou técnicas, enfim, novas tecnologias que favoreçam esses valores. As possibilidades chegam por todos os canais. Família, escola e amigos não são as únicas relações que se estabelecem no período de construção da personalidade. As crianças, os jovens e os adultos estão expostos a uma gama de relações midiáticas que pode ir desde o afeto da mãe até o assédio maldoso construído com recursos da Internet.

Seguindo essas preocupações e discussões, é necessário lembrar-se de algumas premissas:

As pessoas são seres de relações.

O ser humano se constitui na relação com o outro. O filósofo Martin Buber (1979) afirma que o eu se estabelece somente com a presença do tu. Ou seja, a medida do conhecimento da pessoa, da sua afirmação, é a medida que ela acolhe e reconhece a outra. Isso não ocorre somente em relação às pessoas, mas também em relação às coisas, às situações. A relação entre uma pessoa e outra é reflexiva e constante, assim como é constante o movimento das pessoas como seres humanos. Nesse sentido, as tecnologias apresentam recursos que aceleram esse reconhecimento do eu. A questão que está posta não se liga apenas ao fato de facilitar a exposição, mas o como ela o faz, ou seja, a elaboração, a superação e o melhor encaminhamento vão necessitar de interações não só de técnicas, mas de ação humana.

Para o pensador Lévinas (1993), a relação é vista como essência do ser humano, por isso a alteridade tem algo a manifestar: o tu é condição para que o eu exista. Isso faz com que haja uma abertura ao outro, numa “relação responsável”, lembra o autor. Isso não acontece no além-mundo, mas na arena da vida social, unindo transcendência, cotidiano, razão e práxis. As pessoas necessitam umas das outras e as procuram.

As pessoas querem mostrar o que sabem.

Todos, independentemente de raça e status social, necessitam do reconhecimento do outro. Precisam ser valorizados. O fato de quererem mostrar o que sabem está ligado à perpetuidade da espécie, aos desejos de deixar marcas na vida das outras pessoas. Esse é um sentimento concreto da educação. Na família ou na escola, com os amigos ou no imaginário, as pessoas procuram um jeito de se autoafirmar e, para isso, precisam mostrar o que sabem, em que acreditam e o que querem que seja entendido. A maneira como são realizadas essas manifestações está ligada à tecnologia adotada.

Numa retrospectiva antropológica e social, Michel Maffesoli (2006) trata dessa questão da manifestação pessoal ou grupal de ‘mostrar o que sabe’ como algo que está relacionado à “autorreferência”. Segundo ele

(MAFFESOLI, 2006, p. 67-78), é uma questão ligada às manifestações de socialidade da pessoa e que expressa uma necessidade advinda da potência própria da vida, do ser humano. Essa capacidade está ligada a uma força que a sociedade, apesar dos inúmeros avanços, não consegue abafar no mais profundo do ser humano.

As pessoas querem aprender o que não sabem.

A mídia oferece às pessoas um entretenimento diferenciado. Em se tratando de comunicação, a premissa básica está no emissor, no receptor e na mensagem, o que estabelece uma interlocução de duas vias. Quando o assunto é televisão, o que agrada mais ao receptor é ficar na recepção. Dessa forma, o interlocutor não precisa mostrar se sabe ou não sabe. Ele apenas assiste e organiza o próprio pensamento. Há outras propostas de mídia que fogem dessa proposta mais estática, por promoverem alguns espaços de interação, como acontece na Internet. Se comparada a uma sala de aula, as mídias que utilizam recursos audiovisuais semelhantes aos dos processos televisivos contribuem para a formação de agentes mais passivos. Porém, na sala de aula, comumente, os estudantes são convidados a participarem, interagirem com o seu meio. Mesmo assim, permanecer no anonimato, gerenciando os próprios aprendizados – muitas vezes ignorando que está ao lado de outrem, é uma dinâmica atraente, independentemente da idade.

Porém, na criança ou no adolescente que está afirmando seus conceitos, o efeito é maior. A criança não está totalmente preparada para gerenciar o cabedal de informações que está recebendo. Ela não consegue separar o que é real do imaginário. Porém, as mídias possibilitam a criação do imaginário e nem sempre se preocupam em apurar a realidade social em relação ao que estão apresentando.

São inúmeros os autores que tratam desse tema, pois é um quesito importante quando se fala em educação. José Arbex Jr. (1997, p. 66-95), por exemplo, há mais de 10 anos alertava para essas questões. Para ele, a relação que se estabelece com as mídias, em especial, a televisão, precisa ser confrontada com os comportamentos expressos diante dela e avaliar se são de alienação, dependência ou responsabilidade.

Da televisão para a Internet, o comportamento básico diante delas não muda, mas a construção prove-niente desse contato tem diferentes implicações. Na Internet há mais possibilidades de interações, o que, a princípio, pode sugerir um aprendizado maior. Despreocupados com essa dinâmica, os sujeitos, crianças ou não, utilizam esses meios (mídias) como forma de realizar novas descobertas. A maioria está alheia às questões estruturadas de aprendizagem ou alienação.

As pessoas querem ser felizes.

Por fim, as pessoas procuram meios para se sentirem felizes. Por maiores que sejam as riquezas materiais, os recursos técnicos, o status social, eles nada significarão se a pessoa não se sentir realizada e feliz. Para o autor já citado (MAFFESOLI, 2006), a conquista de espaços de realização está associada à normatização. Enquanto a sociedade regram o comportamento e orientar as expectativas das novas gerações, não haverá manifestações de vitalidade, ou seja, de rejuvenescimento do humano. Na essência do ser humano está a busca da realização, o que está associado ao que se chamou de felicidade, porém, a socialização, as normas, sejam da escola ou não, exercem essa força contrária pelo próprio fato de existirem como estrutura social.

O compromisso da educação, nesse contexto, é o de ajudar as pessoas a se sentirem felizes, integradas com a sociedade, com elas mesmas e com a transcendência. Esse tem sido o grande desafio. O mesmo pode ser dito da mídia. A primeira preocupação está em fazer com que as pessoas se sintam felizes ao fruírem do resultado da ação

“as mídias possibilitam a criação do imaginário e nem sempre se preocupam em apurar a realidade social em relação ao que estão apresentando.”

da mídia. Nenhuma mídia se estabelece para criar mal-estar nas pessoas, porque sabe que as pessoas querem se sentir felizes. É evidente que a vida não é só felicidade, mas nesse contexto, a mídia deve ser entendida como a busca de superações assim como as tecnologias da educação propõem.

Quando uma criança ou adulto se depara com as alternativas advindas da Internet, novos horizontes se abrem e, ao mesmo tempo, esses horizontes são cobertos de normas limitadoras. A convivência com a liberdade oferecida pelas mídias e os limites impostos pela convivência social são o tema que norteia e tem desafiado as pessoas a procurarem sempre novas alternativas para manifestarem seus desejos e encontrarem espaços de felicidade. ■

O QUE AS ORGANIZAÇÕES ESTÃO OFERECENDO

Para atender a essas e a outras necessidades humanas já citadas, as organizações familiares e sociais procuram oferecer respostas ou meios para tentar equilibrar o possível ao ideal. Cada organização escolhe e lança mão de instrumentos, técnicas ou estratégias que julga serem mais adequadas. Embora essas técnicas não sejam o objeto deste artigo, faz-se necessário pensar sobre o que as organizações estão oferecendo como respostas às necessidades trazidas pela sociedade. É importante perguntar-se: o que a família oferece; o que a escola oferece; o que a religião oferece; o que o poder público oferece; e o que a sociedade em geral oferece. Ou seja, há uma série de organizações preocupadas com o futuro das pessoas, principalmente das crianças, mas também é necessário voltar o olhar sobre o que elas estão fazendo.

Como o espaço não permite aprofundar cada uma das organizações citadas acima, serão apresentadas a seguir duas modalidades de observação. A primeira retrata uma observação sobre o que a mídia oferece para as pessoas, e na parte posterior, serão relatadas duas experiências de envolvimento, estudo e produção, utilizando-se da interação entre as mídias e o ambiente educacional.

O que a mídia oferece.

Hoje já é possível acessar conteúdos animados e diversificados no próprio celular. Em 2013, a Internet estará superando todas as outras mídias em número de acessos e de usuários. Junto com a Internet, os recursos para celular pessoal também estarão disponíveis, pois trata-se de uma tecnologia digital de fácil distribuição⁵.

Nesse sentido, as crianças estarão muito mais expostas à mídia do que hoje e muito mais do que estavam há 10 anos. O acesso à informação está facilitado para a maioria dos cidadãos. Levando em consideração que os cidadãos que têm acesso à informação são também os maiores formadores de opinião, pelo fato de serem retransmissores de construções de um pensamento massificado, é possível afirmar que a maioria da população está sendo impactada com o avanço das novas tecnologias, agora, em especial, veiculado pela Internet.

A população está exposta, na verdade, a uma redundância das mesmas informações. A dissipação de informações é mais rápida e atinge a um número maior de canais. A morte de alguém, um escândalo etc. chegam aos sentidos humanos por diversos canais. Devido à massificação das notícias, os jornais, rádios, televisões, Internet, etc. circulam as mesmas informações, porém,

preservam características próprias. Para experimentar o que acaba de ser escrito, basta, numa manhã, observar diversos veículos de comunicação para saber o grau de distanciamento entre as notícias.

As mídias estão oferecendo oportunidades, informações, recursos, técnicas, agilidade e atração. Elas têm a capacidade de fascinar, envolver, alucinar, distrair, entreter. O conteúdo é gerado pelas pessoas e pensado por pessoas interessadas em deixar suas marcas, assim como os pais ou os professores que dão o melhor de si para envolver seus filhos e alunos, respectivamente. Os profissionais da mídia são pagos para deixar essas marcas. Ao mesmo tempo, os professores são pagos para ensinar. Trata-se de uma estrutura de entretenimento, assim como a escola é uma proposta educativa. Porém, a escola foi instituída com uma responsabilidade social de educar. As mídias não têm essa mesma responsabilidade. Embora nada as impeça, por meio de suas tecnologias, de promoverem e colaborarem com a educação, elas vão depender cada vez mais da intervenção de pessoas que tenham clareza quanto ao compromisso social desses meios. ■

ALGUMAS ALTERNATIVAS DE APLICAÇÃO

Educomunicação como disciplina e prática.

A educomunicação é uma prática social que emergiu no meio acadêmico a partir da década de 1980, sendo muitas vezes denominada de inter-relação Comunicação e Educação. Nos últimos 10 anos, no Brasil, essa prática vem sendo observada, estudada e implantada, sistematicamente, por intermédio de projetos criados e geridos pelo NCE – Núcleo de Comunicação e Educação do CCA — Departamento de Comunicação e Artes, da ECA — Escola de Comunicação da USP — Universidade de São Paulo.⁶

Para conceituar e entender melhor a proposta de interação entre comunicação e educação, ou entre os diversos meios de comunicação e a educação, será retratada uma entrevista com o pesquisador e professor da ECA/USP, Ismar Soares. Ao criar o termo, Soares (2007)⁷ partiu das propostas iniciais de estudo em que se falava de educação para as mídias. “Quando a gente fala em educomunicação, palavra um pouco longa, a pessoa estranha e pergunta o porquê, se toda educação deveria ser comunicação. Na verdade, o conceito é um pouco antigo, já tem uns 15 anos, quando era usado para identificar uma área chamada Educação para a Comunicação, isto é, a educação para a formação do chamado senso crítico frente à mídia, especialmente frente à televisão.”

5 Conforme relatos da Associação Mundial de Jornais - Suécia, 4 de junho de 2008. Disponível em <<http://www.coletiva.net/impresaoConteudo.php?ID=25925&Tipo=N>> Acesso em: jun. 2008.

6 Entre as diversas iniciativas há o Projeto Educom. TV e outros para diferentes mídias.

7 Citações retiradas da entrevista concedida por Ismar Soares ao EduCast, em 02 ago.2007.

O que hoje é um assunto acadêmico e de legislação, no começo era preocupação das famílias, ou seja, evitar que os meios de comunicação corrompessem a mente das crianças. Ismar (2007) contextualiza aquela época lembrando que aqueles estudos iniciais produziam “uma preocupação que agora está latente com a discussão em torno da classificação indicativa. Então, por um tempo, o conceito educomunicação significou educação para a mídia.”

A USP, por meio da Escola de Comunicação e Arte, foi além e apontou “a existência de uma nova realidade, que é representada pelas Organizações Não Governamentais (ONGs), que, desde os anos 1970, vinham usando a comunicação de forma alternativa. Não no sentido de atender uma demanda do mercado, porém, para colocar temas em debates de problemas sociais.”

“O que hoje é um assunto acadêmico e de legislação, no começo era preocupação das famílias, ou seja, evitar que os meios de comunicação corrompessem a mente das crianças”

Havia uma questão, ou seja, uma pergunta: de que lado vem essa preocupação da comunicação ou da educação. Segundo Ismar Soares (2007) “muitas pessoas em todo mundo, especialmente na América Latina e África, ao desenvolverem esses usos alternativos de comunicação, estavam interferindo tanto na educação, como na comunicação. Eram até um pouco rejeitados pelos dois lados.”

A questão é que os intelectuais, preocupados em definir os limites de seus campos de estudos, não tinham clareza com um fenômeno que estava chegando para ficar. Soares recorda algumas dessas preocupações. “Tanto a educação estranhava, que dizia: Bom, isso aí é educação popular, não é educação formal, não é também escola. No entanto, a comunicação dizia: Isso aí é coisa de gente que gosta de pobre, que gosta de temas que não são temas do mercado, do entretenimento.”

Foram necessárias iniciativas de âmbito mais globalizado para que houvesse um reconhecimento de

que a comunicação, utilizando suas mídias, tinha um papel social mais abrangente do que normalmente se acreditava. Ismar recorda, foi “especialmente a partir do ‘Betinho’, o Herbert de Souza, que começou a se usar essa comunicação para grandes finalidades de cidadania, que essa prática ganhou legitimidade”.

Em suas pesquisas para constituir a educomunicação, Soares fez algumas descobertas. “Nós detectamos através de uma pesquisa feita em 1999 que na América Latina inteira existiam pessoas que estavam envolvidas nesse processo, que já estava legitimado e que já estava se aproximando da própria mídia.” Ou seja, já havia grandes sinais de que estava na hora de constituir uma área de pesquisa e de ação original, pois, conforme o mesmo autor, “já existiam meios de comunicação muito preocupados com a educação, especialmente na área do meio ambiente.”

Em meio a essas circunstâncias, o elemento da cidadania foi incorporado aos ambientes de educação e comunicação. Por isso, Soares conceitua o novo termo de maneira original: “A esse conjunto de atividades voltado para o conhecimento do uso desses meios numa perspectiva de prática da cidadania damos o nome de educomunicação.”

Por essas razões, a educomunicação é uma iniciativa concreta que pode ser mais disseminada por diferentes ambientes mantendo seu objetivo original. Hoje, mais do que quando iniciaram os trabalhos nessa área, as técnicas envolvendo mídia, cidadania e educação podem se fazer presentes em espaços de convergências de mídias, principalmente no uso da Internet, pois esta é a que mais tem atraído as novas gerações.

CPTV Marista/Rio: Um Universo em Mídia-educação⁸.

Esta é outra iniciativa que pode colaborar com este estudo. O projeto CPTV Marista/Rio, que está em funcionamento no Colégio Marista São José, no Rio de Janeiro, é orientado pelo músico e cinegrafista Cadu Dias Lopes e outros colegas da área da comunicação. Também conta com a colaboração de ex-alunos da escola. O vínculo artístico, técnico e de carisma atende alunos a partir do 8º ano (antiga 7ª série) do ensino fundamental ao 3º ano ensino médio. Embora CPTV seja a sigla de Centro de Produção de Televisão e Vídeo, a proposta é ampla e envolve diferentes mídias, independentemente de passar por televisão ou vídeo.

8 Termo utilizado em eventos e organizações que discutem e trabalham temas que relacionam meios de comunicação e educação. Há diversas iniciativas governamentais de escolas, de universidades e de outros grupos isolados. Um exemplo está disponível em <<http://www.midiaeducacao.org.br/>> Acesso em: maio. 2009.

O objetivo do projeto é articular comunicação e educação em experimentações que resultem em aprendizado significativo por parte de estudantes e de educadores através de práticas concretas nas linguagens dos diferentes meios de comunicação (jornal, rádio, vídeo e internet), tornando-os verdadeiros produtores de mídia e capazes de leituras críticas, com ações equilibradas e conscientes, tendo como princípio a ética e os valores de solidariedade e cidadania.

Para a equipe que trabalha no projeto, as gerações de hoje, apesar de todos os recursos tecnológicos, não estão sendo, de fato, bem preparadas para enfrentar os inúmeros desafios sociais de forma crítica e reflexiva, assim como encarar as consequências de suas escolhas. Segundo relato dos educadores, parceiros da mídia-educação, há uma mudança significativa relacionada ao comprometimento, responsabilidade, autonomia e melhora no comportamento, dentro e fora de sala de aula dos alunos, tanto daqueles que pertencem à equipe do CPTV Marista/Rio, quanto daqueles que participam dos projetos pedagógicos interdisciplinares.

O Centro de Produções de Televisão e Vídeo (CPTV), com início em 1995, trabalha com alunos e educadores, unindo comunicação e educação em diversos campos do saber, numa proposta interdisciplinar, priorizando a qualidade do que é produzido para crianças, adolescentes e jovens.

Sugestões de leituras.

De Michel Maffessoli, **A conquista do presente** (1979). Natal (RN): Argos, 2001, 231p. – É um excelente tratado culturológico que contextualiza a sociedade na entrada dos anos 1980 e sinaliza o pensamento de muitas pesquisas. Do mesmo autor, **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas (2000). São Paulo: Zouk, 2003, 200 p. – Pode-se dizer que é a retomada de “A conquista do presente”, porém, com sutilezas de reflexões e detalhes da sociedade moderna próprias de um autor que não se importa em fazer com que as pessoas pensem sobre seus atos e pensamentos. Ainda de Maffessoli, **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas (1997). Rio de Janeiro: Record, 2001, 205 p. – Ajuda a entender e refletir sobre os movimentos da sociedade.

De Edgar Morin, recomenda-se **O método. 3: o conhecimento do conhecimento** (1986). Porto Alegre: Sulinas, 1999, 287 p. – Um dos tomos do método de Morin recomendados pelo autor e que pode ser lido sem a preocupação por não ter lido os anteriores. Reflexões sobre o conhecimento que não se esgotam em palavras e nem em conceitos prontos, uma das fugas do pensamento complexo.

Na Internet, vale a pena ler a reflexão e crítica de Pedro Demo. **Quão novas são as novas tecnologias?** Disponível em: <<http://pedrodemo.blog.uol.com.br>> Acesso em: 27 jun. 2008. – O autor procura dissecar e questiona a aura dada às tecnologias, inclusive questionando o que elas trazem de novo que é útil para a sociedade. ■

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apontado no início deste artigo, as tecnologias acompanham os passos da humanidade. São elas que ajudam a realização de sonhos e também permitem sonhar com o inexistente. A chegada da Internet, associada às outras mídias, permitiu enlaces maiores entre pessoas e organizações. As interações resultantes destas novas conexões podem favorecer a sociedade, como também, podem tornar mais tênues os laços que unem as pessoas em objetivos comuns. Por isso, não é uma técnica ou outra que estabelece o modo ideal de se viver, mas, a relação que elas estabelecem entre os diversos meios. Está na tecnologia, envolvendo a ação e o pensamento humano, o caminho para tornar as pessoas mais humanas e solidárias.

“ aprender a se relacionar com as tecnologias é uma necessidade que independe da idade e condição social. como no tempo da descoberta do fogo, ela é uma força colocada na mão do homem e precisa ser canalizada da melhor forma. ”

Sendo o espaço educativo um laboratório desse aprendizado, ele também estará sujeito às provas e críticas da sociedade e das famílias. Aprender a se relacionar com as tecnologias é uma necessidade que independe da idade e condição social. Como no tempo da descoberta do fogo, ela é uma força colocada na mão do homem e precisa ser canalizada da melhor forma. A energia, a potência dessa descoberta, já foi testada, não resta dúvida; mas ainda poderão ser traçados muitos outros resultados

positivos. Não é hora de dizer, “deixe isso de lado”, mas ao contrário, “traga suas descobertas para nosso meio”, para que mais gente possa discutir sua finalidade. Os dados bibliográficos, juntamente com suas pesquisas, apontam para a necessidade urgente da melhor utilização dos meios massivos de comunicação, ou seja, que sejam utilizados de forma educativa, cidadã e humanizadora.

Nessa história dinâmica, descrita por diversos autores, cabe ao educador, à família, aos governos, descentralizar o enfoque das questões que envolvem tecnologias. A ideia inicial das descobertas acaba por se transformar e o essencial permanece. Centrar discussões e teses sobre uso das mídias sejam elas de massa ou sociais é o mesmo que deixar o ator principal sem atuação. Como nos lembrava Maffesoli (2006), as tribos, possuem sujeitos, grupos e ideais comuns. Centrar o pensamento no sujeito, sem desmerecer a técnica, é ampliar o sentido de tecnologia. É, no respeito às suas descobertas históricas, dizer: como é saudável conviver nessa tribo, como é inteligente não precisar se esconder por trás de um teclado de computador e poder interagir com liberdade.

As práticas educativas que valorizam as mídias, as discussões que fazem uso das tecnologias para aumentar o senso crítico e, com isso, colaborar na liberdade das pessoas, são algumas das alternativas apresentadas neste artigo. Não importa se são chamadas de educomunicação ou mídia-educação, o que importa é o resultado obtido com a interação entre os sujeitos ao defenderem interesses comuns. Do uso da Internet por meio de seus diversos recursos, até o simples gesto de respeito e cidadania, a interação do ser humano continua sendo o traço mais importante. ■

Referências

- ARMSTRONG, Alison; CASEMENT, Charles. A criança e a máquina: como os computadores colocam a educação de nossos filhos em risco. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2001, 248 p.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Construção da informação: os fatos e a verdade. In. KUPSTAS, Marcia (org). Comunicação em debate. São Paulo: Moderna, 1997, p. 39-51.
- BUBER, Martin. Eu e tu. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1979, 170 p.
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, 243 p.
- GROEBEL, Jo. Percepção dos jovens sobre a violência nos meios de comunicação. Brasília: Unesco, c1998. 36 p. (Cadernos Unesco Brasil. Série Direitos Humanos e Cultura da Paz; v. 1)
- LÉVINAS, Emmanuel. Humanismo do outro homem. Trad. Pergentino S. Pivatto (coord.). Petrópolis: Vozes, 1993.
- MAFFESSOLI, Michel. O tempo das tribos: declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006, 297 p.
- MCLUHAN, Marshall. Primeira parte. In: _____. Os meios de comunicação com. o extensões do homem. Tradução de Décio Pignatari. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 21-94.
- MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. Terra-Pátria. Porto Alegre: Sulinas: 1995, 192 p.
- ROSA, Mário. A reputação na velocidade do pensamento. São Paulo: Geração, 2006, 367 p.
- SOARES, Ismar de Oliveira. O Projeto Educom.TV. Disponível em: <<http://www.usp.br/educoradio/cafe/cafe.asp?editoria=TPROF&cod=1296>>. Acesso em: 29 jun. 2006.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Entrevista ao EduCast sobre educomunicação. Disponível em: <http://wiki.educartis.com/wiki/index.php?title=Ismar_de_Oliveira_Soares> Acesso em: 13 jun. 2008.